

A escrita que nos move

Pedro Paulo Rosemberg da Silva Oliveira¹

Resumo: O presente artigo busca elucidar algumas questões acerca da escrita, de forma simples, e estruturada no surgimento da mesma, abarca motivos para que haja sua manutenção e questões subjetivas que englobam-na. O texto centrar-se-á nas noções empíricas e objetivas da escrita, de forma que interpele o papel da escrita na sociedade do século XXI, a noção de cânone, passionalidade inerente e inserida nos textos, de maneira que estenda-se até áreas da linguística geral.

Palavras-chave: Escrita, subjetividade, textos, história, homem.

1. Introdução

Observando o nosso cenário atual, não observamos nem pensamos acerca do que é, de fato, a escrita e tais processos. Sabemos, que a escrita foi “descoberta” a aproximadamente 4000-3000 a.C. Apesar de a escrita ter aparecido tardiamente em relação à linguagem - segundo, Sampson (1996) -, após a “revolução neolítica”, esta é considerada a demarcação que separa a “história” da “pré-história”, ou seja, inicia um marco gigantesco para a comunicação da espécie humana.

Mas após esse marco, como a escrita deu-se à sociedade e vice-versa? Quais usos podemos tomar para com a escrita? E em quais circunstâncias podemos melhorar a nossa escrita? Podemos?

Veja agora alguns questionamentos e soluções acerca da escrita que a tornam muito mais interessante.

¹ Aluno de graduação no grau de bacharelado em Letras - Tecnologias da Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

2. O que é a escrita?

Seja como na mitologia grega, ou outros povos, a escrita e o “dom” da humanidade da razão, do conhecimento e da sabedoria, se iguala ao da escrita, tal qual o fogo trazido por Prometeu à humanidade é considerado, o início da distinção do homem dos outros animais.

A escrita seria, assim como a língua - ou parte dela -, a maneira como nos percebemos, uma reação ao mundo que nos circunda. Uma das maneiras pela qual percebemos que estamos vivos. Jean-Jacques Rousseau, em seu livro *Ensaio sobre a origem das línguas*, escreve: “[...] somente se sabe de onde é um homem após ele ter falado”. Se a língua (modelo da fala), é muito mais antigo que a escrita e tão importante assim, qual é o papel da escrita?

Segundo a EBC (2015), há a “representação do pensamento e da linguagem através de símbolos”, desse modo, podemos separar a história da escrita em três partes: a fase pictórica, a fase ideográfica, e a fase alfabética.

Os modelos pictográficos buscavam enunciar, não através de sons, mas com representações das próprias imagens do que se pretende mostrar. Como na escrita asteca ou como nos dias atuais, através das histórias em quadrinhos.

Os modelos ideográficos buscavam representar diretamente uma idéia, como a chinesa, a hieroglífica egípcia ou a suméria, da mesopotâmia.

Já os modelos alfabéticos marca o uso de letras, isso quer dizer que, apesar de se originar, não puramente, dos ideogramas, perdem seu valor ideográfico e pictórico, recebendo assim o valor puramente fonográfico da escrita. Com essa evolução, aprende-se algo incrível: podemos desenhar não apenas coisas, objetos e seres, mas também a própria fala (Vygotsky, 1991).

Já no modelo alfabético, ao uní-lo à noção do ideograma através da análise do discurso² e da semiótica³, introduzimos a formação ideológica no discurso (oral e escrito). Como sinaliza Brandão (2012), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da ‘existência material’ das ideologias”⁴, ou seja, todo discurso é ideológico⁴.

3. Para quê utilizamos a escrita?

A escrita é, antes de tudo, uma forma de registro. Quem brincou de *telefone sem fio*, sabe que algo oral dificilmente continuará intacto de geração para geração ou de pessoa para pessoa. Desse modo, podemos entender que, na aplicação de leis e em qualquer outra coisa que deva ser compreendido por muitos da mesma forma, deve-se haver um modo de que, qualquer um que lê-lo [o texto], possa compreender com exatidão.

Podemos também inferir que, os registros são usados como documentos comprobatórios e, pense caso não houvesse a possibilidade de comprovar quem é, sem documentos de identidade, certidão de nascimento ou de óbito, como seria?

Outra forma de registro interessante de se pensar são nas biografias, formas de guardar a memória e/ou os feitos de outrem ou de si mesmo (no caso das autobiografias).

Com a novidade de se escrever sobre os outros, pode-se também escrever ficções e histórias acerca dos feitos das pessoas que, dessa maneira, será uma forma muito difundida de entretenimento, como no teatro grego, ou o surgimento da imprensa muito posteriormente. A escrita também reserva-se no direito e dever de informar algo, necessidade basilar da escrita, a comunicação, é transformada em poder⁵: não

² É um campo da linguística e da comunicação especializado em analisar a dualidade constitutiva da linguagem natural por suas entradas subjetivas e sociais, ou seja, as construções ideológicas dos textos.

³ Para Charles S. Peirce 1839-1914 é a teoria geral das representações, levando em conta todos os signos e suas manifestações, analisando a criação de significado da e na comunicação.

⁴ Sistema ordenado de ideias ou representações e das normas e regras [...] (Brandão, 2012, p. 20).

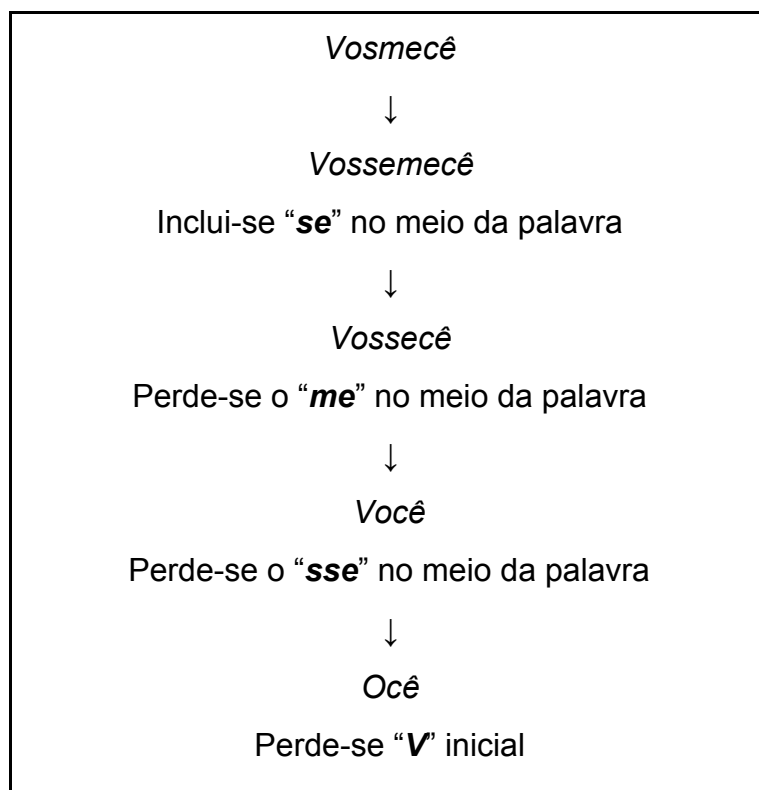
⁵ Demonstrado por Goodwin Júnior (2015, p. 285).

eram todas as pessoas que sabiam ler, e isso é fato em toda a história, logo, aqueles que sabiam ler, tinham e têm o poder sobre as que não sabem; uma crença absoluta sobre o que está escrito torna a imprensa e as mídias em única fonte de informação, logo, há a obrigatoriedade de seguir tudo o que está escrito pois é o certo - tornando o mal do século XX, a informação, fake news e etc. Como vê-se em Brandão (2012), todo discurso é ideológico, logo, qualquer texto, escrito ou falado, não estará de fora dessa premissa.

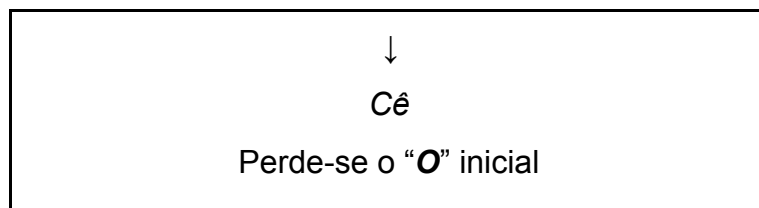
4. Há ciclicidade da escrita?

De acordo com a sociolinguística⁶, a língua existe sendo predeterminada por uma ciclicidade das línguas naturais, ou seja, enquanto existir processos diversos que alteram as palavras orais, acontecerá o mesmo na escrita, como apontado por Peres (2007) e na tabela abaixo:

Tabela 1 - Influência da oralidade na escrita



⁶ "Ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural" (Cunha; Cintra, 2008, p. 3).



Fonte: GONÇALVES, Clézio Roberto, 2012.
Exemplo de processos de inclusão e supressão.

Se, como observado no quadro acima, com o passar do tempo, a oralidade interfere na escrita, podemos dizer que ambos os processos não se dissociam, haverá portanto, influência da escrita na fala? Talvez.

Se para Sigmund Freud⁷ o nosso inconsciente é um abismo de tão profundo, ou melhor, utilizando a *metáfora do iceberg*, dividida em três partes: nível da consciência (o *Ego*), com os nossos pensamentos e percepções - o nível mais externo, que temos maior conhecimento e controle; nível do pré-consciente (o *Superego*), nossas lembranças e conhecimentos armazenados - o nível que muitas vezes não controlamos ou temos dificuldades de fazê-lo; e, por fim, o nível do inconsciente (o *ID*), aquele onde habita os nossos medos, desejos sexuais, desejos irracionais, experiências constrangedoras, motivações violentas, impulsos imorais e necessidades egoístas.

Onde, pois, estaria situada, nesta definição, as necessidades da escrita da poesia, das emoções e de tudo que circunda tais necessidades? De fato, esse raciocínio é deveras complexo e, não deve ser abordado aqui, afinal, não o é nosso objetivo compreendê-lo no momento, mas deixo o questionamento. No entanto, tais questões trazem à tona uma outra que irá ser abordada aqui.

5. Por que colocamos sentimento e/ou razão no que escrevemos?

De diversas formas, escrevemos nossas angústias, medos e muito mais acerca de nós mesmos de formas que não tornamos à mostra, objetivando-na. Tal

⁷ Cf. Kleinman, 2015., p. 22-28.

subjetividade, muito particular das Ciências Humanas e Sociais, das Artes e das Linguagens é, de certa forma, sinuoso, visto que, tal ato - da subjetividade - é uma complexa necessidade humana.

Lembre-se então que, se não houvesse alguns tipos de mentiras, quão insensíveis deveríamos ser para que a convivência humana fosse, de fato, possível? Ou, diante disso, quais parâmetros de sensibilidade seriam plausíveis ou executáveis para com nossa família e povo, visto que, medidas duras devem ser tomadas para que o coletivo se beneficie?

Ética e moral caminham próximos, ao passo que, a linguagem, principalmente de forma escrita, pode ser traiçoeira se não usada corretamente, à vista disso, a visão utilitarista de Jeremy Bentham (1748-1832)⁸ é muito útil no caso. Diz-se o que torna o locutor ou o receptor mais feliz ou mais cômodo, não importando sua quantidade ou qualidade e ser-lhe-á feliz?

Perceba com isto que, não importa o que se escreve, deve-se antes de tudo, pensar em quem será seu interlocutor e qual o objetivo do seu texto, ao passo que tais informações afetará diretamente quanta razão ou emoção(ões) caberá na produção.

Junto com a necessidade humana de externalizar o que se sente, há ainda a complexidade de atribuir razão às suas criações, implementando a ideia de *feito memorável*, tal qual Giorgio Vasari introduziu em 1550, quando publicou seu livro “*A vida dos artistas*”, que colocava um ideal de beleza nas artes de artistas da época, aliando-se a um *tempo cíclico*, na qual o período renascentista⁹ (aproximadamente séc. XIV ao séc. XVII) seria o renascimento das artes, reintroduzindo os modelos da Antiguidade Clássica. Aliada às reafirmações das academias e da sociedade consumidora, introduz-se a noção canônica de obra: uma tradição, regra, norma ou preceito.

⁸ Cf. Kleinman, 2014., p. 75.

⁹ Cf. Isaacson, 2018.

6. Disposições finais

Conclui-se, portanto, que a escrita desempenha diversos papéis úteis nas relações sociais humanas, revelando de forma clara que, sem esta, haveríamos de nos moldar de outras formas que poderia desvencilhar-nos de nossa cultura e sociabilidade vistas hoje. Não obstante, porém, devemos atentar-nos que, não devemos observá-la apenas de forma metodológica e funcional, deve-se também, analisá-la de forma subjetiva, afim de adentrar nas camadas mais internas do pensamento humano e, em detrimento disso, observar a psique e afins da humanidade e do indivíduo. De modo algum, há uma incompatibilidade útil no uso e na criação da tecnologia [escrita], no entanto, mais que isso é a necessidade de externalizar o que se é e, da metodologia encontrada de clara forma é óbvia, senão por paixão, por utilidade. Portanto, evidencia-se que a utilidade da escrita está não só nela mesma, inata, mas no que se impõe sobre e à ela, visto que, o ser humano delega nome para que assim se encontre no universo e ao universo o objeto, ou seja, dá nome para que possa encontrá-la dentro de si.

BIBLIOGRAFIA

BATALHA, Elisa. **O abecê da escrita**. 2007. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=911&sid=7>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO (EBC). **Como se deu o desenvolvimento da escrita?**. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/08/como-se-deu-o-desenvolvimento-da-escrita>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Saberes sobre a Constituição e a Formação Histórica do Pronome Você**. In: Congresso Nacional Mackenzie “Letras em Rede”: *linguagens e saberes*, Mackenzie, 2012. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/SITES/UP_MACKENZIE/unidades_academicas/ccl/XII/SIMPOSIO12.pdf&ved=2ahUKEwiZiO2u27noAhXYG7kGHaSMBcWQFjAAegQIBxAC&usq=AOvVaw0P3JcjcOmlqIMBniXmHafW>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GOODWIN JÚNIOR, James William. **Cidades de papel: imprensa, progresso e tradição: Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

ISAACSON, Walter. **Leonardo da Vinci**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KLEINMAN, Paul. **Tudo o que você precisa saber sobre a Filosofia: de Platão e Sócrates até a ética e metafísica, o livro essencial sobre o pensamento humano**. São Paulo: Editora Gente, 2014.

KLEINMAN, Paul. **Tudo o que você precisa saber sobre a Psicologia: um livro prático sobre o estudo da mente humana**. 1. ed. São Paulo: Editora Gente, 2015.

LINGUAGEM EM DISCURSO, Santa Catarina: Unisul, v. 1, n. 1, jan. 2000. ISSN On-line 1982-4017. ISSN Impressa 1518-7632. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/167>. Acesso em: 22 mar. 2020.

PERES, Edenize Ponzio. **De “vossa mercê” a “cê”**: os processos de uma mudança em curso. Vitória: UFES, 2007. Disponível em: <<https://drive.google.com/open?id=1EaubigFP4jvVdKjSGQle3bmfrPezXVmR>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SAMPSON, Geoffrey. **Sistemas de escrita**: tipologia, história e psicologia. São Paulo: Ática, 1996

SOUSA, Reiner. **Origem da escrita**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/origem-escrita.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.